



## VIOLÊNCIA

# PM mata 8 no Paraná, 6 da própria família

Inconformado com o fim do casamento e endividado, como registrou em áudios enviados a pessoas próximas, policial assassina a mulher, filhos, mãe e irmão, além de dois jovens, em uma única noite. Depois dos crimes, tirou a própria vida

» JOÃO GABRIEL FREITAS\*

O policial militar Fabiano Junior Garcia, do 19º Batalhão da Polícia Militar (PM) do Paraná, matou oito pessoas entre a noite da última quinta-feira e a madrugada de ontem. Seis dos assassinados eram da própria família e, na sequência dos homicídios, cometeu suicídio. Os crimes ocorreram em Toledo e em Céu Azul, no oeste do Paraná.

De acordo com o relato do comandante da PM do estado, Hudson Leôncio Teixeira, Fabiano estava de plantão até às 19h da quinta-feira. Mas, por volta das 23h, ele ligou para o cunhado dizendo que havia assassinado a mulher, Kassiele Moreira, e a enteada, Amanda Mendes Garcia, de 12 anos, em Toledo.

Em seguida, o policial foi à casa da própria mãe, Irene Garcia, de 78 anos, próxima ao local em que morava, e a assassinou a

facadas. Foi quando ele também matou, a tiros, o irmão, Claudio-miro Garcia, de 50 anos. Já tendo cometido quatro homicídios, Fabiano dirigiu até Céu Azul, município vizinho a Toledo, onde tirou a vida de dois filhos — Miguel Augusto da Silva Garcia e Kamili Rafaela da Silva Garcia, de quatro e nove anos, que moravam com os avós maternos.

Conforme boletim da polícia, Fabiano retornou a Toledo e ainda matou dois desconhecidos, aparentemente de forma aleatória: Kaio Felipe Siqueira da Silva (cujo assassinato chegou a ser registrado por câmeras de segurança) e Luiz Carlos Becker, respectivamente de 17 e 19 anos. No retorno a Toledo, o policial encontrou uma guarnição da PM que prestava atendimento no local onde ele havia matado a mulher e a enteada. Ele passou em baixa velocidade pelo local e, após estacionar o carro, um Chevrolet Vectra branco, disparou conta a

Reprodução/Facebook



Fabiano não tinha registros que indicassem algum desequilíbrio

própria cabeça, segundo os policiais.

Equipes de socorro foram acionadas, mas apenas puderam

constatar a morte de Fabiano, que estava com uma arma de fogo funcional, além de munições e carregadores, e uma faca que

possivelmente foi utilizada no assassinato da mãe.

### Mensagens

No intervalo entre as mortes, Fabiano mandou mensagens a parentes e amigos tentando explicar a motivação dos crimes — a justificativa seria o fato de não aceitar o fim do casamento com Kassiele e dívidas que contraiu.

“Me desculpa, mas eu não ia conseguir viver sem a Kassiele, me desculpa. Ela já não estava mais se importando com o jeito que eu ia lidar com ela, se eu ia dar atenção para ela ou não. E ela deixou a entender que não fazia questão de continuar comigo”, disse Fabiano, em um dos áudios.

No outro, ele faz o seguinte relato: “Falou que, possivelmente, iria separar, que não queria ficar comigo do jeito que eu sou, que é tudo do meu jeito. Então, se é assim... Eu estava querendo fazer isso mesmo. Já não consigo conviver com

a situação da minha mãe. Vivo financeiramente fodido e alguém ia ter que arcar com as despesas. Então, para não deixar peso para ninguém, eu fiz isso”, registrou.

A PM paranaense assegurou que Fabiano não tinha histórico que pudesse indicar problemas psicológicos e que atuava como motorista do Coordenador do Policiamento da Unidade. Já a Secretaria de Segurança Pública do estado (SESP-PR) publicou que foi instaurado um inquérito nas delegacias de Toledo e Céu Azul, onde aconteceram os assassinatos.

“As polícias Civil, Militar e Científica não medirão esforços para apurar a motivação dos fatos. Perícias foram realizadas nos locais e equipes de investigação seguem na coleta de informações e realizam diligências para concluir o caso”, informa a nota da secretaria.

\*Estagiário sob a supervisão de Fabio Grecchi e com Agência Estado

Reprodução/Twitter



Quintella foi descoberto após um vídeo flagrá-lo cometendo o abuso

## Estuprador é denunciado pelo MP-RJ

O Ministério Público do Rio (MP-RJ) denunciou, ontem, o médico Giovanni Quintella Bezerra pelo crime de estupro de vulnerável, “cometidos contra mulher grávida e com violação do dever inerente à profissão de médico anestesiológico”. Os promotores também pediram indenização à vítima em valor “não inferior a 10 salários mínimos”.

A denúncia foi apresentada pela 2ª Promotoria de Justiça Criminal de São João de Meriti. Quintella foi flagrado, com prova em vídeo, colocando o pênis na boca de uma paciente na mesa de parto, no último domingo,

e foi preso horas depois.

Além de apresentar a denúncia, o MP-RJ solicitou que o caso tramite em sigilo, “para preservar e resguardar a imagem da vítima”. Ainda assim, em nota, os promotores apontam na denúncia apresentada à Justiça que Quintella agiu “de forma livre e consciente, com vontade de satisfazer a sua lascívia, praticou atos libidinosos diversos da conjunção carnal com a vítima, parturiente impossibilitada de oferecer resistência em razão da sedação anestésica ministrada”.

A denúncia acrescenta, ainda, que Quintella “abusou da relação

de confiança que a vítima mantinha com ele, posto que, se valendo da condição de médico anestesista, aproveitou-se da autoridade/poder que exercia sobre ela, ao aplicar-lhe substância de efeito sedativo”.

Além desse caso, a Delegacia da Mulher de São João de Meriti, que investiga os crimes, vê “fortes indícios” de abusos em pelo menos outros dois partos ocorridos no mesmo dia. Também apura eventuais abusos ocorridos em 30 cirurgias que tiveram a participação de Quintella nos últimos meses.

A predação sexual veio à tona

depois que um grupo de técnicos e enfermeiros desconfiou da atitude do anestesista durante uma cesariana. O médico tinha erguido uma espécie de tenda que não permitia que o restante da equipe cirúrgica acompanhasse seu procedimento. Ele costumava ficar muito próximo da cabeça das parturientes.

Para realizar o flagrante, os técnicos colocaram um celular dentro de um armário com porta de vidro, pelo qual se podia ver como agia Quintella. Além disso, as investigações concluíram que ele sedava as parturientes de forma “excessiva e desnecessária”.

## Aliança polícia-grilagem assusta

» VICENTE NUNES  
» CORRESPONDENTE

**Lisboa, Portugal** — O assassinato de indígenas e a invasão de aldeias, protegidas por lei, levaram a Comissão Internacional de Direitos Humanos (CIDH) e o Escritório Regional na América do Sul da Alta Comissariada da Organização das Nações Unidas (ONU) a cobrarem ação rápida do governo brasileiro para proteger os povos indígenas. Os crimes contra indígenas, segundo a ONU, estão se tornando frequentes — foram seis assassinatos desde o início de 2022 contra quatro em todo o ano passado — e muito da violência vem da polícia, que estaria associada a grileiros.

“Reiteramos nossa grande preocupação com a série de ataques, ameaças e intimidações relatadas por vários povos indígenas no Brasil. Exortamos o Estado brasileiro a investigar e sancionar esses casos com a devida diligência, bem como a implementar medidas urgentes e eficazes para proteger a vida e a integridade, tanto daqueles que fazem parte desses povos quanto dos que defendem seus direitos”, frisam as entidades.

Segundo informações coletadas pela ONU Direitos Humanos, com base em informações fornecidas por organizações da

sociedade civil, além dos seis assassinatos de indígenas neste ano, em 24 de junho último duas comunidades Guarani e Kaiowá, em Mato Grosso do Sul, foram vítimas de ataques armados por policiais militares e milícias civis.

Para a Comissão de Direitos Humanos, esse quadro é inaceitável, sobretudo porque as operações teriam sido realizadas em desacordo com o estabelecido pelo Supremo Tribunal Federal (STF), que proibiu os despejos forçados em todo o país até 31 de outubro. “Há, ainda, relatos de que, em 15 de junho, um indígena de 61 anos foi espancado até a morte por policiais militares de Pernambuco depois de ser acusado de portar uma arma, o que constituiria em um caso de uso excessivo de força por agentes do Estado”, ressalta a Organização.

### Discriminação

Tanto a Comissão Internacional quanto o Escritório Regional de Direitos Humanos da ONU reforçam que veem com preocupação o envolvimento das forças policiais em casos de violência contra indígenas no Brasil. E pedem que o Estado erradique o perfilamento racial das forças de segurança.

Em relatório sobre direitos humanos no Brasil, a ONU ressalta

a grave situação dos povos Guarani e Kaiowá devido à violação de seus direitos territoriais e aos ataques que sofreram. Os principais problemas estão relacionados à defesa territorial e ambiental, intimidação, ameaças, ataques e criminalização contra defensores, lideranças e comunidades indígenas.

Dada persistência e o agravamento dessa situação, a Comissão pediu à Corte Interamericana de Direitos Humanos medidas protetivas para os povos Yanomami, Ye'kwana e Munduruku. Para a ONU, nesse contexto de hostilidades contra os povos indígenas, é fundamental lembrar o brutal assassinato do indigenista Bruno Araújo Pereira e do jornalista inglês Dom Phillips, em 5 de junho, no Vale do Javari (AM).

“Defensores proeminentes dos direitos dos povos indígenas e do meio ambiente, ambos foram mortos enquanto se dirigiam a uma comunidade indígena como parte de uma investigação sobre os impactos da mineração ilegal e outras atividades ilícitas perpetradas por grupos armados”, lembra a ONU. No entender da instituição, casos desse tipo destacam a vulnerabilidade das pessoas que defendem os direitos dos povos indígenas e do meio ambiente no país.

## Morre dom Luiz de Orleans e Bragança

Reprodução/Casa Imperial



Dom Luiz de Orleans e Bragança morreu, ontem, aos 84 anos, em São Paulo. A informação foi divulgada pela Casa Imperial do Brasil. Ele era bisneto da princesa Isabel e estava internado no Hospital Santa Catarina, no centro da capital paulista, desde 10 de junho. O herdeiro dos Orleans e Bragança teve poliomielite durante a infância e, recentemente, recebeu diagnóstico do Mal de Alzheimer — as duas doenças teriam contribuído para um quadro de fraqueza muscular. Nascido em 6 de junho de 1938, em Mandelieu-la-Napoule, na França, dom Luiz era o primogênito de dom Pedro Henrique de Orleans e Bragança e de dona Maria da Baviera. Com a morte de dom Luiz — cujo estado de saúde era considerado irreversível pela equipe médica que o acompanhava —, seu sucessor é o irmão, dom Bertrand de Orleans e Bragança. O velório está sendo realizado em São Paulo, na sede social do Instituto Plínio Corrêa de Oliveira, e o sepultamento será na Paróquia Santa Teresinha, na segunda-feira.